

O papel da crítica da linguagem de Fritz Mauthner nas duas fases do pensamento Wittgensteiniano

Paulo César Oliveira Vasconcelos

Doutorando em Filosofia [UFC]

paulocesaroliveiravasconcelos@gmail.com

Resumo: A presente comunicação tem como objetivo apresentar em linhas gerais a presença da crítica da linguagem de Fritz Mauthner (1849-1923) no decorrer do pensamento de Ludwig Wittgenstein (1889-1951), num primeiro momento, como um contraponto no *Tractatus Logico-Philosophicus* e, num segundo momento, nas *Investigações Filosóficas*. Mauthner, crítico pioneiro da linguagem na contemporaneidade, leva os problemas envolvendo linguagem e representação ao centro da discussão filosófica. Uma vez que encarava a linguagem como uma investigação filosófica, a crítica da linguagem se confundiria com a própria atividade da filosofia. Considerando a si herdeiro do empirismo britânico e adotando uma perspectiva antropológica (nominalismo) e historicista (empirismo) para a compreensão da linguagem e sua capacidade de representar a realidade, Mauthner adota postura radical ao afirmar que “há uma lacuna entre linguagem e realidade”, lacuna esta intransponível, pois distorce a percepção e engendra premissas falsas e fictícias sobre a realidade. Propõe uma compreensão da linguagem como “metáfora”, que serviria para abordar e clarificar a deformação da realidade. Assim a linguagem possui duplo papel: ela é instrumento do criticismo, nos modelos humeano e kantiano, e objeto de estudo. Admitindo-se que toda a figuração do mundo se dá na linguagem, esta seria o objeto por excelência da filosofia enquanto crítica. Mauthner produziu uma filosofia da linguagem que levou os princípios do empirismo ao que acreditou serem suas conclusões últimas. Sua teoria parte do pressuposto pragmático que encara a linguagem como “instrumento de sobrevivência” em termos evolucionistas. Ou seja, a função da linguagem estaria vinculada não a significados de correspondência atômica entre palavra e objeto, mas a seu uso, a “ação que ela sugere ou provoca” para garantia da sobrevivência. Toda essa problemática é veementemente negada pelo programa filosófico do primeiro Wittgenstein ao propor uma teoria transcendental para a representação fundada na lógica da linguagem. Curiosamente, em seu pensamento tardio, mesmo sem referenciar o outro, o filósofo vienense passa a adotar muitas das propostas da crítica mauthneriana a partir de suas concepções pragmáticas centradas na ideia de “jogos de linguagem” e da “terapêutica filosófica”.

Palavras-chave: Crítica da linguagem; Fritz Mauthner; Wittgenstein.

Introdução

De certo modo o *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921) responde diretamente às questões da crítica da linguagem de Fritz Mauthner presentes em *Beiträge zu einer Kritik der Sprache*¹ (1901) e as *Investigações Filosóficas* (1953) assumem algumas de suas principais teses, de maneira que se poderia vislumbrar nessa relação um aspecto unificador para a constatação da presença de Mauthner em todo o desenvolvimento do pensamento wittgensteiniano. Janik e Toulmin levantam a questão ainda que confessamente de maneira conjectural:

1 Contribuições para uma crítica da linguagem.

Embora Wittgenstein contraste explicitamente sua própria abordagem filosófica com a de Mauthner em um ponto central do *Tractatus*, não temos evidências de que o próprio *Tractatus* realmente pretendesse ser uma resposta à anterior “crítica da linguagem” de Mauthner, então nossa visão das relações entre Mauthner e Wittgenstein é, a esse respeito, francamente conjectural. (JANIK; TOULMIN, 1973, p. 10, tradução nossa)

Como crítico pioneiro da linguagem na contemporaneidade, Mauthner antecipou muitas concepções que se encontram no pensamento de Wittgenstein, sobretudo na segunda fase, mais precisamente, nas *Investigações Filosóficas*. Segundo Barroso,

Os escritos posteriores de Wittgenstein são uma crítica filosófica da linguagem, enfocando muitos argumentos e perspectivas já antecipados por Mauthner em 1901. Por exemplo, a ideia de que as regras da linguagem são como as regras do jogo e a palavra “linguagem” também é um termo abstrato e geral. (BARROSO, 2015, p. 8, tradução nossa)

Quanto ao primeiro Wittgenstein, o projeto tractatiano desponta, conforme explicitamente posto numa das raras referências diretas a um autor presentes na obra, como um contraponto a Mauthner: “Toda filosofia é ‘crítica da linguagem’. (Todavia, não no sentido de Mauthner)” (WITTGENSTEIN, 2000, p. 179).

Nesse sentido, para se compreender o impacto do pensamento de Mauthner na filosofia, ou “nas filosofias” de Wittgenstein, convém observar algumas das principais teses de Mauthner presentes em sua obra acima citada. Perceber-se-á a partir disso o quanto Wittgenstein está imerso nos problemas filosóficos continentais de seu tempo, a saber, o problema da representação e da filosofia como crítica da linguagem, o que viria a desembocar numa filosofia que discute a possibilidade da linguagem de representar o mundo. Janik e Toulmin (1973, p. 121, tradução nossa) sustentam que “entre 1800 e 1920, o problema da definição do escopo essencial e os limites da razão foi duas vezes transformado: primeiro, o problema da definição do escopo essencial e os limites da representação e, subsequentemente, ocorrendo o mesmo com a linguagem”.

1. Algumas teses de Fritz Mauthner

Sua teoria parte do pressuposto pragmático que encara a linguagem como “instrumento de sobrevivência” em termos evolucionistas. Ou seja, a função da linguagem estaria vinculada não a significados de correspondência atômica entre palavra e objeto, mas a seu uso, à “ação que ela sugere ou provoca” para garantia da sobrevivência. A postura pragmática está, portanto, presente em Mauthner já antes mesmo da concepção do *Tractatus*.

A “atenção” dada por Wittgenstein a Mauthner, ainda que quase nunca assumida, deve-se ao fato de que este leva, em seu tempo, os problemas envolvendo linguagem e representação ao centro da discussão filosófica. Ele entendia a linguagem como uma investigação filosófica, assim, a crítica da linguagem se confundiria com a atividade filosófica em si mesma. Nesse sentido, é possível dizer que aqui temos a própria concepção de filosofia presente no *Tractatus*, isto é, a ideia de que a verdadeira tarefa da filosofia é uma crítica a seus problemas fundamentais a partir da análise lógica da linguagem.

Mauthner considerava a si herdeiro do empirismo britânico e, adotando uma perspectiva antropológica (nominalismo) e historicista (empirismo) para a compreensão da linguagem e sua capacidade de representar a realidade, assume postura radical ao afirmar que “há uma lacuna entre linguagem e realidade”, lacuna esta intransponível, pois distorce a percepção e engendra premissas falsas e fictícias sobre a realidade. Mauthner propõe uma compreensão da linguagem como “metáfora”, que serviria para abordar e clarificar a deformação da realidade (BARROSO, 2015).

O nominalismo de Mauthner o conduz para uma concepção de linguagem onde conceitos “nada mais são do que palavras que são adotadas para nomear ou então descrever um coletivo de ‘indivíduos’; em termos gerais são, portanto, nomes ou descrições de agregados de indivíduos, em vez de ‘entidades’ genuínas” (JANIK; TOULMIN, 1973, p. 122, tradução nossa). Empirista, Mauthner adota um ceticismo de tipo humeano e toma para si uma tarefa que julgara kantiana: determinar a natureza e os limites da linguagem. Ainda segundo Janik e Toulmin,

Mauthner via seu próprio trabalho antes como pertencente à tradição britânica do nominalismo e do empirismo. Ele considerou Locke o pioneiro da crítica da linguagem com sua teoria do significado no *Essay Concerning Human Understanding*. (Ensaio que Mauthner acreditava que seria mais apropriadamente chamado de *Um ensaio sobre a gramática*, ou *Tratado sobre palavras*, ou simplesmente *Linguagem*). (JANIK; TOULMIN, 1973, p. 123, tradução nossa)

Para Mauthner, a linguagem possui duplo papel: ela é instrumento do criticismo, nos modelos humeano e kantiano, e objeto de estudo. Admitindo-se que toda a figuração do mundo se dá na linguagem, esta seria o objeto por excelência da filosofia encarada justamente enquanto crítica da linguagem. Nesse sentido, Mauthner produziu uma filosofia que levou os princípios do empirismo ao que acreditou serem suas conclusões últimas (JANIK; TOULMIN, 1973, p. 126).

Segundo Mauthner,

A filosofia é a teoria do conhecimento. A teoria do conhecimento é crítica da linguagem. A crítica da linguagem, no entanto, é um trabalho em nome do pensamento libertador, de que os homens nunca conseguem ir além de uma descrição metafórica do mundo utilizando tanto a linguagem cotidiana quanto a linguagem filosófica. (MAUTHNER apud JANIK; TOULMIN, 1973, p. 122, tradução nossa)

Esse seria um problema enfrentado por Wittgenstein no *Tractatus*. O problema da representação² ocupa o centro da discussão filosófica continental de uma maneira que ultrapassa os limites da própria filosofia, envolvendo a arte de um modo geral, como “Arnold Schönberg, por exemplo, que escreveu um ensaio sobre o pensamento musical com o título *O pensamento musical e a lógica, técnica e arte de sua representação*” (JANIK; TOULMIN, 1973, p. 31), e a ciência, como se percebe em Hertz e Boltzmann³. Mauthner, portanto, estará sempre embricado no pensamento wittgensteiniano em todo seu desenvolvimento (BARROSO, 2015).

Acrescente-se ainda que após os trabalhos de Kant⁴, sobretudo a partir da *Crítica da Razão Pura*, os problemas da linguagem foram gradualmente conduzidos ao centro da investigação filosófica, o que constitui elo entre os projetos filosóficos de Mauthner e Wittgenstein, vinculados como estão à proposta kantiana de depuração da linguagem pela crítica da razão. Conforme Appelqvist, é possível vislumbrar uma “solução kantiana” para o problema da filosofia no *Tractatus*, o que o liga ao projeto criticista:

O isomorfismo entre pensamento e realidade, a distinção entre forma e conteúdo, entre o necessário e o contingente, as referências intermitentes ao espaço e ao tempo, bem como o apelo de Wittgenstein à capacidade de pensar como fonte de insight sobre as propriedades formais dos estados de coisas têm um toque distintamente kantiano e foram de fato lidas como indícios do kantismo da obra. (APPELQVIST, 2016, p. 9, tradução nossa)

2 Esse é um dos argumentos do livro *Wittgenstein's Vienna*, de Janik e Toulmin, e que compõe bibliografia básica da presente exposição. Sobre esse aspecto Miguens afirma “De acordo com Janik & Toulmin, servindo-se nesse caso da expressão de Musil, o que se encontra ali são ‘formalismos, por trás dos quais nada há senão conturbações nacionalistas, vácuo e caos’, e, ao mesmo tempo, entre os artistas e os intelectuais, uma discussão geral acerca da natureza e do propósito da representação (*Bild* ou *Darstellung*)” (MIGUENS, 2007, p. 131).

3 Sobre o problema da representação em Hertz e Boltzmann, ver JANIK; TOULMIN, 1973, pp. 30-31 e pp. 132-133.

4 Sobre a influência e ligações da filosofia de Kant com a filosofia analítica da linguagem ver HANNA, R. *Kant and the foundations of analytic philosophy*. Clarendon Press, Oxford, 2001.

Do mesmo modo, sobre Mauthner, afirma Barroso: “influenciado pela *Crítica da Razão Pura* de Kant, Mauthner pretendia realizar um método kantiano para derrotar a especulação metafísica e substituir a crítica da razão por uma crítica da linguagem” (2015, p. 6, tradução nossa). Mauthner considerava a si mesmo um kantiano no que diz respeito ao estabelecimento dos limites para o alcance do conhecimento pela razão, sendo essa identificada com a linguagem. Existe uma discussão tipicamente moderna, mais precisamente kantiana, cujo empreendimento é estabelecer a natureza da representação a partir do exame crítico da origem, dos limites e do fundamento do conhecimento sobre o mundo. Isso os torna kantianos, de fato, uma vez que a discussão acerca da linguagem presente em Mauthner e em Wittgenstein envolvendo a possibilidade (ou não) de representação do mundo partilham um mesmo quadro conceitual e constituem até certo ponto uma assimilação desse quadro conceitual ao vocabulário filosófico pós-*virada linguística*.

O conceito de linguagem como metáfora, tese fundamental de Mauthner, também será encontrado no pensamento tardio de Wittgenstein. Trata-se de compreender a linguagem sob um pano de fundo absolutamente pragmático e ceticista. Sendo a linguagem “essencialmente metafórica” (WEILER, 1970, p. 156), Mauthner compreende que metáfora e associações são idênticas, no sentido de que ambas constituem atos mentais que envolvem comparação (*acts of comparing*). Nesse sentido, linguagem e pensamento são ambos metafóricos (WEILER, 1970, p. 158). Fugindo de encarar a lógica e a linguagem enquanto “entidades”, Mauthner propõe uma crítica da linguagem a partir da psicologia social, ou seja, seu método de análise é histórico e psicológico (GLOCK, 1996, pp. 11-12). Conforme Barroso (2015, p. 7, tradução nossa), “o conteúdo da crítica seria empírico, pois a linguagem é baseada em sensações, e o resultado seria cético, na medida em que a razão é idêntica à linguagem”. Em resumo,

Mauthner apontou uma crítica à linguagem baseada em metáforas, que serviria para abordar e esclarecer a deformação da realidade. [...] A crítica da linguagem é importante tanto para o uso regular da linguagem quanto para a assimilação do conhecimento advindo desse uso da linguagem. Nessa perspectiva, um simples uso da linguagem é uma construção da realidade, pois a linguagem é usada para representar e expressar figurativamente a realidade. (BARROSO, 2015, p. 3, tradução nossa)

2. Contrapontos e assimilações em Wittgenstein

Wittgenstein, embora seja um dos nomes mais importantes da história da filosofia contemporânea, não foi, tecnicamente falando, um profundo conhecedor da tradição filosófica (JANIK; TOULMIN, 1973, p. 27). Seus textos são declaradamente esvaziados de referências e normatividade acadêmica (MIGUENS, 2007, pp. 100-101). Apontar influências nominalmente assumidas por Wittgenstein seria algo bastante complicado se tal esforço estivesse restrito apenas às obras de fato “publicadas” pelo autor. Em seus textos pessoais como esboços, anotações e até correspondências⁵, também publicados postumamente, podem ser encontradas menções a influências diretas e indiretas do filósofo, ampliando o horizonte de ligações e filiações a problemas e métodos filosóficos assumidos pelo autor.

Segundo palavras do próprio Wittgenstein,

Acho que nunca inventei uma linha de pensamento, mas que sempre me foi fornecida por outra pessoa e não fiz mais do que adotá-la apaixonadamente para meu trabalho de esclarecimento. Foi assim que Boltzmann, Hertz, Schopenhauer, Frege, Russell, Kraus, Loos, Weininger, Spengler, Sraffa me influenciaram. (WITTGENSTEIN, 1998, p. 16, tradução nossa)

O simples fato de não constar o nome de Fritz Mauthner entre seus influenciadores conscientemente admitidos justificaria a presente exposição, afinal, quais as razões para tanto?

5 Para uma listagem de todas as suas publicações, inclusive em língua portuguesa, ver MIGUENS, 2007, pp. 103-104.

Mauthner é citado no *Tractatus*, ainda que como um contraponto, conforme mostrou-se acima no texto. Além de Mauthner, apenas Herz, Frege e Russell possuem esse “privilégio”. Admitindo-se aqui a mera especulação, pode-se afirmar com certa razoabilidade que o filósofo vienense não chega a citar Mauthner como uma influência pelo simples fato daquele estar contraposto à sua posição ceticista-pragmática da crítica da linguagem. Wittgenstein parece assumir, conforme o trecho acima, apenas aqueles que julgara terem contribuído positivamente para o desenvolvimento de seu projeto filosófico.

Ora, Wittgenstein tomara conhecimento das ideias de Mauthner ainda na fase prematura de seu pensamento, ou seja, ainda no momento da concepção do *Tractatus*, o que a própria referência a este por si só demonstra (SLUGA; STERN, 1997, p. 13). Diante do que fora apresentado como teses fundamentais de Mauthner na seção acima, é possível dizer que a crítica da linguagem de Mauthner perpassa o projeto tractatiano sob os seguintes aspectos: I) Ambos constituem um projeto que remete à filosofia crítica kantiana, no sentido da análise dos fundamentos e limites da capacidade humana de conhecer a realidade, no qual os problemas da representação são transferidos para um projeto de crítica da linguagem, no sentido de estabelecer as possibilidades de figuração (*Bildliche Darstellungen*) da linguagem ante o real; e, II) Assim como Mauthner, Wittgenstein apontou para a importância de encarar toda a filosofia como crítica da linguagem e de que seu papel seria, por excelência, a clarificação de proposições (4.0031; 4.112). Segundo Mauthner (2019, p. 10, tradução nossa), “no final, então, também dessa crítica só se vai querer o que toda a ciência linguística sempre quis: explicar o aparecimento da linguagem. A explicação da linguagem!”.

A oposição do projeto tractatiano em relação às ideias de Mauthner tornam o pensamento tardio de Wittgenstein ainda mais emblemático no sentido de que este adota as principais teses do projeto primeiramente negado. Silva afirma com certa razão que os escritos tardios de Wittgenstein:

Reviveram muitas posições e teses já expostas por Mauthner em 1901 — por exemplo, a ideia de que *as regras da linguagem são como as regras de um jogo*, e de que a própria palavra “linguagem” é um termo abstrato geral, que precisamos desembrulhar para ver como, na prática real, *os homens empregam as expressões de suas linguagens, nos contextos de todas as suas variadas culturas*. (SILVA, 2021, p. 91, grifo nosso)

O conceito de jogos de linguagem que constitui uma das principais teses das *Investigações Filosóficas* (1953) pode remeter claramente a Mauthner, sobretudo quando se compreende que o cerne da analogia de Wittgenstein entre as regras da linguagem e as regras de um jogo repousam na ideia de que “não há um conjunto de condições preenchidas por todos os jogos, ou seja, não há uma definição analítica necessária e suficiente para ‘jogo’ ou ‘jogo de linguagem’, porque a linguagem é uma forma de vida” (BARROSO, 2015, p. 9, tradução nossa).

Sendo o conceito de “forma de vida” uma definição pragmática, claro está que a definição de que “o significado de uma palavra é seu uso em uma linguagem” (WITTGENSTEIN, 1996, § 43) soa literalmente como uma retomada da tese mauthneriana de que “linguagem é o uso da linguagem” (MAUTHNER, 2019, p. 13). Assim, tanto Mauthner quanto Wittgenstein compreendem o significado de uma palavra surgido a partir do contexto em que ela é usada.

Finalmente, o conceito de linguagem como metáfora desenvolvido por Mauthner liga-se ao pensamento de Wittgenstein no que diz respeito à descrença de ambos na capacidade da linguagem de expressar a realidade. Apesar de problemática, essa afirmação ganha sentido quando se leva em conta o fato de que embora Wittgenstein assuma a tese de que a linguagem e a realidade estão estruturadas segundo uma relação de isomorfia, apresentada no *Tractatus* como teoria pictórica da linguagem (WITTGENSTEIN, 1979, pp. 5-9; 2020, pp. 1-3), embora, afirme que a natureza das relações entre palavras e objetos repouse na uniformidade lógica entre linguagem e realidade (WITTGENSTEIN, 2020, p. 143), sua aplicabilidade se resume à ciência. “A preocupação de

Wittgenstein passa por um aperfeiçoamento lógico da linguagem, a fim de aplicá-la à ciência. Portanto, ele declara a impossibilidade de falar com propriedade e exatidão sobre o inefável, o místico” (BARROSO, 2015, pp. 13-14, tradução nossa).

No que tange às questões fundamentais da vida humana, a filosofia, portanto a linguagem, nada pode dizer. Apenas metaforicamente se pode falar sobre o que é o mundo, qual o sentido do mundo, Deus, liberdade e tantas outras questões fundamentais. Nesse sentido, a estética no contexto das filosofias dos dois autores ganha muito em afinidade. Segundo Barroso:

O conhecimento do mundo é impossível pela linguagem e também é impossível sustentar o conteúdo da palavra. Nesse aspecto, Mauthner e Wittgenstein (o do *Tractatus*) concordam, pois ambos reconhecem a solução do silêncio místico para a incapacidade da linguagem de expressar a realidade. (BARROSO, 2015, p. 13)

Wittgenstein utiliza algumas comparações em seus textos que estão claramente próximas do pensamento mauthneriano como ocorre nos casos das metáforas da “escada”, da “cidade” e do “mapa”, todas mencionadas em tom “inédito”, mas que estão presentes nos textos de Mauthner⁶. Ao analisar a similaridade do uso da metáfora da escada pelos dois autores — primeiro utilizada por Mauthner — Nájera afirma que “essa metáfora certamente nos ajuda na ligação com Wittgenstein, porque ele também olha para o silêncio da escada que ele monta alguns anos depois — em 1918 — contra a penúltima proposição do *Tractatus*, que revela o status paradoxal de sua crítica da linguagem” (NÁJERA, 2007, p. 160, tradução nossa).

Tudo isso nos permite afirmar com certeza que o papel da crítica da linguagem de Fritz Mauthner acompanha todo o percurso do pensamento wittgensteiniano, desde sua fase prematura até seus escritos posteriores. Por um lado, não se diminui a enorme influência de Wittgenstein para as mais diversas correntes filosóficas contemporâneas, por outro, convém proceder o resgate de um profícuo pensador que possui o mérito de ter sido o precursor da identificação entre filosofia e a crítica da linguagem (BARROSO, 2015, p. 7).

Referências bibliográficas

APPELQVIST, H. *On Wittgenstein’s Kantian Solution of the Problem of Philosophy*. *The British Journal for the History of Philosophy*, vol. 24, 2016.

BARROSO, P. *Mauthner versus Wittgenstein: language as metaphor*. *E-Revista de Estudos Interculturais do CEI*, n. 3, maio, 2015.

GLOCK, H.-J. *A Wittgenstein Dictionary*. Oxford: Blackwell, 1996.

JANIK, A.; TOULMIN, S. *Wittgenstein’s Vienna*. New York: Simon and Schuster, 1973.

MAUTHNER, F. *Beiträge zu einer Kritik der Sprache*. [S.l.]: Librorium Editions, 2019.

MIGUENS, S. *Filosofia da linguagem: uma introdução*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007.

NÁJERA, E. Wittgenstein versus Mauthner: Two critiques of language, two mysticisms. In: HRACHOVEC, H.; Alois PICHLER, A. (Eds.). *P Philosophy of the Information Society: Proceedings of the 30th International Ludwig Wittgenstein-Symposium in Kirchberg*. [S.l.]: Austrian Ludwig Wittgenstein Society, 2007.

6 Para uma discussão a esse respeito ler BARROSO, 2015.

SILVA, G. A. F. Os precursores esquecidos de Ludwig Wittgenstein. *Griot: Revista de Filosofia*, v. 21, n. 2, 2021, pp. 89–114.

SLUGA, H.; STERN, D. G. (Eds.). *The Cambridge Companion to Wittgenstein*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

WEILER, G. *Mauthner's Critique of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

WITTGENSTEIN, L. *Culture and Value*. G. H. von Wright & A. Pichler (Eds.), Peter Winch (Tr.). Oxford: Blackwell, 1998.

_____. *Notebooks: 1914–1916*. Oxford: Blackwell, 1979.

_____. *Philosophical Investigations*. Oxford: Basil Blackwell, 1996.

_____. *Tractatus Logico-philosophicus*. Trad., apres. e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2020.